

Boitempo de Carlos Drummond de Andrade: confluências entre memória, poesia e História

Kenia Maria de Almeida Pereira

Professora de Literatura no Curso de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário do Triângulo / UNITRI.
Uberlândia-MG e no Mestrado de Teoria Literária da UFU / Universidade Federal de Uberlândia.
Doutora em Letras pela UNESP/São Paulo. E-mail: kenia@triang.com.br

Resumo

Há inúmeros estudos e teses sobre a obra do poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, no entanto, pouco se tem comentado sobre seu livro de memórias, intitulado *Boitempo*. Nesta obra, Drummond evoca, de forma poética, sua infância em Itabira, a convivência conflituosa com o pai, os medos e surpresas da adolescência, a descoberta da sexualidade, bem como as primeiras vivências educacionais, além de outros temas que caminham entre a singeleza e a complexidade.

Palavras-chave: Literatura. Educação. Poesia. Escola.

Abstract

There are several studies and theses on the work of poet *Carlos Drummond de Andrade*. However, few are the comments on his memories book, *Boitempo*. In this work, Drummond poetically evokes his infancy in *Itabira*, the conflicting living with his father, the fears and surprises of adolescence, sexuality discoveries, as well as the first educational experiences, besides other themes that go to through simplicity and complexity.

Keywords: Literature. Education. Poetry. School.

Há inúmeros estudos e teses sobre a obra do poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, no entanto, pouco se tem comentado sobre seu livro de memórias, intitulado *Boitempo*¹. Nesta obra, Drummond evoca de forma poética sua infância em Itabira, a convivência conflituosa com o pai, os medos e surpresas da adolescência, a descoberta da sexualidade, das conspirações políticas e da morte, bem como outros temas que caminham entre a singeleza e a complexidade. Mas, talvez, o mais intrigante dessas temáticas seja os poemas em que o autor trata do universo escolar, da atmosfera dos internatos, bem como as burlas dos alunos, a sistemática dos currículos e da administração, e, ainda, o papel do professor, dentre outros tópicos que envolvem o ensino.

Assim, levando-se em consideração os raros estudos sobre a temática da escola na obra de Drummond, que resolvemos interpretar e analisar, com mais propriedade, o livro de memórias, *Boitempo*, enfocando os versos que trazem, em seu bojo, a temática bem humorada e irônica

da educação. Para o historiador, Carlo Ginzburg², pelo relato das memórias, pelas crônicas e pela literatura, podemos obter testemunhos preciosos do comportamento de uma comunidade. Antônio Candido, por sua vez, observa que o crítico que estabelece estudos, nos quais mesclam história, sociologia e literatura, “deve-se ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiese* (...)”. Ou seja, para Candido, a fantasia modifica a ordem do mundo para, paradoxalmente, torná-la mais “expressiva”.³

Dessa forma, um passeio pelos versos de Drummond, pode tornar mais expressivo um tempo em que a classe média enviava seus filhos para os internatos. Pela sua poesia, ficamos impregnados da atmosfera escolar do início do século XX. Aliás, a literatura é um rico acervo de metáforas e símbolos capazes de subsidiarem importantes pesquisas de caráter sócio-histórico-culturais,

¹ Como referência bibliográfica e citação de poemas, utilizaremos a obra *Poesia e Prosa*, organizada por Carlos Drummond de Andrade para a editora Nova Aguilar, em 1988. Nesta edição, o texto integral de *Boitempo* foi totalmente reestruturado pelo autor. *Menino antigo (Boitempo II)* foi incorporado ao título geral, bem como *Esquecer para Lembrar* (Boitempo III).

² GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 21.

³ CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 13.

além de abrir, como menciona Freitag, “um novo horizonte para diagnóstico de nosso tempo”.⁴ Estudar, portanto, alguns internatos brasileiros pelo filtro do olhar do poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, é uma oportunidade de reconstruirmos, pela via melódica da poesia, a história de algumas Instituições de Ensino do Brasil.

Aliás, para a pesquisadora, Ester Buffa⁵, os estudos das instituições escolares é uma forma de pensarmos com seriedade sobre os problemas de educação do nosso país. Assim, acrescentamos, estudar, portanto, o livro de memórias *Boitempo*, é uma tentativa de iluminar duas importantes instituições de ensino brasileiras: *O Colégio Arnaldo*, de Belo Horizonte e o *Colégio Anchieta*, de Nova Friburgo (RJ).

Lembremos, aqui, Ecléa Bosi, quando chama a atenção para o fato de que “(n)a maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.⁶ Acreditamos, dessa forma, que foram esses os ingredientes com os quais Drummond moldou *Boitempo*: trabalhando-o de forma artesanal, refazendo, reconstruindo as experiências do passado, mesclando os fios da memória, da poesia e da História.

Em 1916, com 14 anos de idade, Drummond é internado, pelos pais, no colégio Arnaldo. É o começo da adolescência e, também, de uma nova vida. Mas antes de elaborar as estrofes sobre o tempo de seminário, *Boitempo* se inicia com um autor reconstruindo, pela cadência dos versos, a memória do menino e do adolescente itabirano que, com seus olhos curiosos de criança, descobre, indignado e surpreso, um mundo movido pela escravidão, pelo braço do negro, pela sensualidade da mulher africana, como constatamos nessas interessantes estrofes do poema *Negra*:

A negra para tudo
A negra para todos
A negra para capinar plantar
Regar

(.....)
limpar a bunda dos nhozinhos
tregar.⁷

Interessante como esses versos nos remetem ao historiador Gilberto Freire, quando ele chama de “a influencia direta, ou vaga e remota, do africano em todo aquele que se diz brasileiro”. Afinal, foi a “negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e mal-assombrado. (...) Foi a mulata “que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, no ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem”⁸. Assim, no Brasil do pequeno Carlitos, há negra pra tudo, pra plantar, pra transar e pra apanhar.

É também com indignação que Drummond nos revela um mundo estruturado no rigoroso sistema patriarcal, como nesses versos de *o Beijo*:

Mandamento: beijar a mão do Pai
Às 7 da manhã, antes do café
E pedir a bênção
E tornar a pedir
Na hora de dormir.⁹

É ainda Gilberto Freyre, um dos primeiros estudiosos a ressaltar a complexidade e todas as conseqüências advindas desse regime de caráter patriarcal, escravocrata, híbrido e autoritário da família rural brasileira, dos primórdios da colonização, até meados do século XX.

Não ficam ausentes da memória do menino poeta, dessa tentativa de reconstrução dos fiapos do passado, nem a escravidão, nem o patriarcalismo, nem tampouco a política. Esta última, ele ressaltada nas estrofes de *Câmara municipal*:

Aqui se fazem leis
Aqui se fazem tramas
Aqui se dizem discursos
Aqui se cobra imposto
Aqui se paga multa.¹⁰

⁴ FREITAG, B. *O indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 88.

⁵ BUFFA, E. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, J. C. S. GATTI JR., Décio (Org.). *Novos temas em educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores associados: Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 25-38.

⁶ BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 55.

⁷ *Idem*, p. 448.

⁸ FREYRE, G. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 283.

⁹ *Idem*, p. 509.

¹⁰ *Idem*, p. 594.

Também, não faltam, para o menino curioso de Itabira, nem a surpresa, nem a curiosidade sexual, que ficam pulsando nas estrofes do poema *A Puta*:

Quero conhecer a puta
A puta da cidade. A única
A fornecedora
Na Rua de baixo
Onde é proibido passar.¹¹

No entanto, depois de toda aventura e descobertas do mundo público e privado, eis que chega a hora de o poeta abandonar a pacata cidade do interior. Abandonar as pequenas delícias daquilo que o poeta chama lar: “o cheiro do café coado na hora, adoçado com rapadura bem escura”; “as gravuras coloridas do gibi Tico Tico”; “as histórias das ilhas imaginárias de Robinson Crusóe”; “os cheiros e sabores das frutas dos quintais, da gabirola, do jamba cor e fragrância do mato, colhidos no pé”. Deixar para trás, também, “os tios, os primos, as primas, primeiras paixões”; “os afagos maternais” da “mãe que é tão fraca, ela sabe, porém, o poder que a palavra imprevista contém”. É o fim da casa paterna. Drummond vai, agora, para o internato, o primeiro colégio. “E, agora, José?” “No meio do caminho tinha uma pedra”. “Tinha uma pedra no meio do caminho”.

Drummond inicia os versos de *Fim da casa paterna* com certa semelhança à narrativa de *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Se o personagem Sérgio evoca as palavras do pai “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. O menino Drummond, tal qual Sérgio, observa melancólico: “E chega a hora negra de estudar/Hora de viajar /Rumo à sabedoria do colégio”.

Se para o personagem Sérgio, ir para o Ateneu é enfrentar psicologicamente um “clima rigoroso” eivado de “decepções que nos ultrajam”, para Drummond, o internato apresenta-se “sem doçura” com despertar em série, a perda da individualidade já que “nunca mais se acord(a) individualmente, soberano”, e o céu será sempre um “céu de exílio”.

E de criatura livre que corria pelos quintais há de se “dobrar à nova regra de viver”, afinal, a escola passa a ser, no olhar do adolescente singelo: “a vida que começa

a complicar-se”. Complicar-se muito, uma vez que o menino gauche e desajeitado para o mundo, vai enfrentar um regime duríssimo, quase militar, “com horários de arrear de tão puxados (o despertar era às 5h30), os banhos quentes, apenas uma vez por semana, e as saídas aos domingos permitidas apenas duas vezes por mês”.¹²

José Maria Caçado, em seu livro, *Colégio Arnaldo: uma escola nos trópicos*, nos dá notícia de algumas regras severas que norteavam os seminários no Brasil. Ele explica que o colégio interno deveria estar próximo a uma igreja. Os educando deveriam sempre ser “fruto de legítimo matrimônio”. E mais: os internos deveriam ser “separados do mundo social”, bem como deveriam sempre ser punidos “os indisciplinados e os incorrigíveis”, e ser duríssimo com os que “dão maus exemplos e, se houver necessidade, ser expulsos”.¹³

Quando Drummond vai para o Colégio Arnaldo, esse internato tinha apenas 5 anos de existência. Fundado em 1912, pelos padres alemães verbitas, por este educandário passou centenas de alunos da classe média. No poema *Figuras*, Drummond menciona um garotinho de nome Gustavo Capanema, que seria, anos depois, ministro da Educação. Pelo colégio passou, ainda, João Guimarães Rosa, que, tal qual Drummond, também, registra no conto *Pirlimpitico*, momentos vividos no Arnaldo. Pedro Nava, também, passou por esse internato. Suas experiências com o colégio foram registradas nos poemas *A um Ausente e Memória*. O colégio Arnaldo, ainda, recebeu outras figuras ilustres e importantes na história literária do Brasil: Afonso Arinos de Mello Franco, Otto Lara Resende e o cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil.

Soraia Vilela, no site <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1564920,00.html>, informa que “O nome do colégio é uma referência ao Padre Arnold Janssen, natural da pequena Goch, na Alemanha. Depois de estudar Filosofia na Universidade de Bonn, Arnold criou, na vizinha Holanda, em 1875, a Missão do Verbo Divino. Pouco tempo depois, Janssen montava uma tipografia, sediada na holandesa Steyl”. Com o tempo, a tipografia cresceu muito e milhares de exemplares de formação religiosa começaram a circular pelo mundo todo e os missionários verbitas, também. Os missionários verbitas

¹¹ *Idem*, p.557.

¹² CAÇADO, J. M. *Os sapatos de Orfeu*. São Paulo: Globo, 2006. p. 60.

¹³ CAÇADO, José Maria. *Colégio Arnaldo: uma escola nos trópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.p.64.

chegaram ao Brasil em 1895. O primeiro objetivo seria instalar-se em Santa Catarina, mas como não deu certo, partem para Juiz de Fora, e, finalmente, em 1901, fundam o Stella Matutina, internato para moças, que, segundo nos informa José Maria Cançado, “foi, a rigor, o primeiro colégio com direção verbista no Brasil”.¹⁴

José Maria Cançado, acrescenta, ainda, que, com a presença do colégio feminino, fazia-se necessário agora criar um colégio para rapazes. Assim, no início de 1912, a congregação fundava, em Belo Horizonte, o Colégio Arnaldo, “na rua Timbiras 1505, quase esquina com Bahia. Era um daqueles casarões típicos da Belo Horizonte da época, com porão, três grandes janelas. A casa não existe mais, tendo sido construído um edifício no lugar, Edifício Bianca”.¹⁵

Quando foi novamente reconstruído, O colégio elegeu as Ciências naturais e os esportes como esteio básico de sua didática. Depois de 1914, fortaleceu-se na comunidade, com investimentos na área de música, de teatro, de história natural, de química, de física, nos esportes. Em 1992, o colégio Arnaldo foi tombado pelo patrimônio Histórico e Cultural de Belo Horizonte. Hoje, quem passa pela praça João Pessoa, pode ver a arquitetura imponente e bela desse Colégio que faz parte da história e da memória mineira. Para quem quiser saber, com mais riqueza de detalhes, sobre essa instituição de ensino, recomendo, vivamente, o livro *Colégio Arnaldo Uma escola nos trópicos, do autor José Maria Cançado*, publicado pela editora C/Arte.

Voltemos às memórias do garoto Drummond, onde há fúria, revolta, crítica e muita ironia. Não se pode esperar outro tom poético de Drummond. Mas, encontra-se, também, pulverizada pelas entrelinhas, a musicalidade da ternura, quando ele evoca, por exemplo, o primeiro professor de latim: o mestre, Arduíno Bolívar:

Mestre

Arduíno Bolívar, o teu latim

Não foi, não foi perdido para mim

Muito aprendi contigo: a vida é um verso

Sem sentido talvez, mas com que música!¹⁶

Também são lembrados, com um carinho entre-

cortado de ironia, os professores de português e de francês: o primeiro, desmata o “amazonas de minha ignorância” e o segundo, Drummond o desenha como sendo aquele educador “distraindo”, aquele que “não vê que a classe inteira se aliena/das severas belezas de Racine/ Cochicham, trocam bilhetes e risadas/ Este desenha a eterna moça nua/ que em algum país existe, e nunca viu/ outro some debaixo da carteira/ Os bárbaros. Será que vale a pena / ofertar o sublime a estes selvagens?”

Há também a lembrança dos castigos corporais. Todos se lembram que Raul Pompéia relata os tormentos de seu personagem protagonista, em *O Ateneu*. É com delírios, que Sérgio descreve o diretor Aristarco, “de cara chupada, pedagógica, óculos apocalípticos, carapuça negra de borla, fanhoso, onipotente e mau, com uma das mãos para trás escondendo a palmatória e doutrinando à humanidade o bê-á-bá.” Sérgio descreve, também, o terrível professor de inglês, um tal Venâncio, como aquele que era considerado “uma fera! Chatinho sob o diretor, terrível sobre os discípulos; a um deles arremessou-o contra um registro de gás, quebrando-lhe os dentes”.

Da mesma forma que Sérgio, também, o garoto Drummond vai evocar os castigos corporais, penosamente lembrados. Na aula de alemão, o poeta rememora irmão Paulo, encarregado de ensinar Goethe a principiantes, mas, infelizmente, aquele era o professor que apenas “leu um único livro em sua vida/ a Arte de dar cascudos/ que ele pratica bem, mas não ensina.”

Além dos cascudos, há, também, os castigos do confinamento, aos que se comportam mal, são privados dos passeios de domingo, que o adolescente revoltado reverbera: “Digo nomes feios/ (calado está visto)/ Não vá ser-me imposta/ A perda total/ De quantos domingos/ Deus for programando/ Em Minas Gerais/ Abomino a ordem/ Que confisca tempo,/ Que confisca vida/ E ensaia tão cedo/ A prisão perpétua/ Do comportamento”.

Exalam, aliás, das estrofes drummondianas, um tom cético, pessimista com a condição humana. Bosi nos informa que desde “*Alguma poesia*, foi pelo prosaico, pelo irônico, pelo anti-retórico que Drummond se firmou como poeta congenialmente moderno”.¹⁷

¹⁴ CANÇADO, J. M. *Colégio Arnaldo: uma escola nos trópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999. p. 25.

¹⁵ *Idem*, p. 27.

¹⁶ *Idem*, p. 646.

¹⁷ BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 498.

Há, contudo, as descrições alegres dos momentos lúdicos passados no internato: os jogos, o futebol, as caminhadas. Há as saídas aos domingos, os passeios, o parque municipal e a visita à livraria Alves. Aliás, as visitas àquela Casa Comercial eram as mais prazerosas para o garoto mineiro que, desde muito cedo, mergulhou na leitura dos clássicos, tornando-se um assíduo freqüentador daquele estabelecimento.

Em Itabira, na infância, quando ainda bem pequeno, Drummond implora ao seu pai que lhe compre os 24 volumes encadernados da *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*. E ali começa a descoberta mágica das narrativas fantásticas, da filosofia, da poesia. Com a chegada das obras, começa, para o futuro autor de *A Rosa do Povo*, o espaço do delírio dionisiaco: “Agora quero ver figuras. Todas./Templo de Tebas. Osiris, Medusa./Apolo nu. Vênus nua.../ Nossa Senhora, tem disso nos livros?/ Depressa as letras. Careço ler tudo”.

Caçado informa-nos que Drummond ficou no colégio Arnaldo, por apenas 4 meses, sai, em 1917, por motivos de saúde. Mas, o mundo dá muitas voltas. hoje a biblioteca das Instituições Arnaldo Jansen, leva o nome de Carlos Drummond de Andrade.

Um ano depois, 1918, nosso poeta está internado no colégio Anchieta, da companhia de Jesus, em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro. Um ano depois, o anjo torto é expulso “por insubordinação mental”. Essa passagem pelo internato de Nova Friburgo, também, foi registrada em inquietantes estrofes como aquelas presentes no poema *Segundo dia*, em que o rebelde pirralho mineiro se declara anarquista: Zombam de mim/ me vão: Anarquista/ -nar-quis-ta a-nar-quis-ta/ (medo de mim oculto em gozação?”

Para os historiadores Carlos Henrique Carvalho e José Carlos Sousa Araújo, o Ateneu representa um microcosmo da sociedade imperialista e estratificada do final do século XIX. Assim, nesse submundo escolar há, também, uma hierarquia que divide os internos de o Ateneu “em poderosos e dependentes, opressores e oprimidos ou, mais simplesmente em machos e feminados”¹⁸. Estas mesmas observações dos dois estudiosos, também, se aplicam ao microcosmo do colégio Anchieta em Nova Friburgo, no poema *Primeiro dia*,

saltam-se, pela cadência dos versos, a limitação de poder entre os internos, bem como os espaços dos jogos sexuais.

Primeiro dia

(.....)

“Palmo a palmo, rosto a rosto

Número a número,

Ferida a ferida

Mal nos conhecemos, a palavra-mistério

Na pergunta-sussurro

É pedrada na testa:

— Você gosta de foder?”¹⁹

Em Nova Friburgo, Drummond entra em contato com os padres professores que vieram de Paris, trazendo retóricas eloqüentes, distantes da realidade dos alunos e da vida:

Discursos

O espírito a eloqüência

Baixa de não sei onde e lhs inspira

Rasgos terreaís de Mont’Alverne

É pena: ainda não vi

Ninguém fazer um discursinho mesmo chocho

Ao Irmão Falcão, enaltecendo

A grata, oportuna cervejinha

Por ele fabricada.

Segundo informações contidas no site oficial do colégio Anchieta, (<http://www.colegioanchieta.org.br>), os fundadores desta instituição foram os Padres e irmãos jesuítas italianos da Província Romana, a partir do dia 12 de abril de 1886. Com o aumento do número de alunos, iniciou-se, em 1901, a construção do grande e majestoso edifício atual, o qual situa-se na Rua General Osório, 181. O Anchieta logo se tornou famoso e conhecido em todo Brasil. O belo prédio de arquitetura neoclássica foi tombado pelo patrimônio histórico do Rio de Janeiro.

Se o estudante Drummond sofreu punições, aquentando os duros cascudos dos padres alemães do Arnaldo, também, no Colégio Anchieta, sob a batuta dos jesuítas, ele é subjugado com outros castigos severos:

¹⁸ CARVALHO, C. H. e ARAÚJO, J. C. S. História, ficção e educação: imagens do ensino brasileiro do século XIX projetadas pelo *O Ateneu*. In: PEREIRA, K. M. de A. e PACHANE, G. G. (Org.). *A literatura e suas interlocuções na sala de aula da educação superior*. Uberlândia: Edibrás, 2005. p. 56.

¹⁹ *Idem*, p.654.

Punição

74, fique de coluna

Lá vou eu, de castigo, contemplar

Por meia ora o ermo da parede.²⁰

Em *Vigiar e Punir*, Foucault observa que, nas escolas, a partir do século XIX, as crianças deviam ser estritamente controladas, ter os corpos ocupados e disciplinados, uma vez que “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios”. Foucault continua argumentando, ainda, que a rígida disciplina dos internatos “traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal”.²¹

A rigidez do internato Anchieta vai mais longe ainda, a ponto de exigir dos alunos que durmam de joelhos esticados, para que nenhuma saliência na cama denuncie atos masturbatórios:

Dormitório

Prisão de luxo, todo conforto, luz inspetora

De sonhos ilícitos. Joelho esticado: nenhuma saliência

A transgredir a horizontal postura de sono puro

Fria Friburgo, mas aqui dentro a paz de feltro.²²

José Maria Cansado, no livro *Sapatos de Orfeu*, interessante biografia sobre Drummond, acrescenta que, no que diz respeito à disciplina e à pedagogia do medo, impostas pelos jesuítas, era uma forma de mergulhar os alunos “no meio das sombras mais espessas”. Cançado complementa que a simbologia do medo e da tradição da obediência se encontrava logo “na entrada do colégio, na portaria”. Ali havia, “de um lado, a imagem de Inácio de Loyola, criador da Companhia de Jesus, e do outro, José de Anchieta subjugando ao mesmo tempo um leão (...) e uma índia. Aquilo não passaria de uma alegoria confusa da catequese, se não fosse uma inscrição em latim, que dizia: ‘Obedece como um cadáver’”.²³

A presença sempre marcante e peremptória da religiosidade cristã que obrigava os garotos a obedecerem sem pestanejar, “como um cadáver”, também, os obrigavam a se levantarem muito cedo para a missa matinal. Nas observações do poeta gaúcho, para aqueles

alunos, tudo se resultava “maquinal”, cada um dos estudantes pensava em outra coisa “diferente de Deus”. Todos tinham a mente presa e, inclusive, nosso poeta, nas “moças friorentas de Friburgo. Moçoilas casamenteiras, inacessíveis, rezando sempre no fundo da capela.

Se o desejo sexual do menino mineiro se acirrava, também crescia junto a vontade de começar a registrar seus primeiros versos no jornalzinho da escola, o famoso *Colegial*. É ali, que um dos mais representativo poeta do Brasil, deixará escrito sua estréia literária. Há tempo ainda para rememorar a banda juvenil, a orquestra colegial, as dificuldades com o latim, a proibição do canivete e o lúdico jogo de pião:

Campeonato de pião

Bota Parafuso no bico do pião.

Bota prego limado, bota tudo

Pra rachar o pião competidor

Roda, pião!

Roda pião!²⁴

Quando é expulso do Anchieta, depois de brigar com o professor de língua portuguesa, Drummond escreve, aliviado:

Adeus ao colégio

Adeus colégio, adeus vida

Vivida sob inspeção

Dois anos jogados fora

Ou dentro de um caldeirão

Em que se fritam destinos

E se derrete a ilusão

Já preparo a minha trouxa

E durmo na solidão

Amanhã cedo retiro-me,

Pego o trem da Leopoldina

Ou ser de novo mineiro.²⁵

É interessante registrar ainda os momentos hilários e engraçados que o mineiro passou em Nova Friburgo, como o episódio da rapadura. Drummond verseja sobre a descoberta dos meninos cariocas e paulistas que nunca

²⁰ *Idem*, p. 673.

²¹ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 160.

²² *Idem*, p.671.

²³ CANÇADO, J. M. *Op. cit.* p. 67.

²⁴ *Idem*, p.670.

²⁵ *Idem*, p.681.

tinham experimentado o tal doce feito de cana. A rapadura fez sucesso imediato no colégio, até um dos garotos quebrar o dente cristalino da “coleção que Deus lhe deu/ e, assim, a doçura da rapadura é proscrita “como abominável invenção de mineiros”.

Depois dessas análises e encantamento com a leitura de *Boitempo*, pode-se dizer que estamos diante um livro que se enquadraria no gênero, *poesia de formação*, ou uma espécie de *bildungsroman*, em versos, ou romance de formação, estruturado em estrofes. Massaud Moisés, em seu *Dicionário de termos literários*, define o romance de formação, como uma modalidade de narrativa cuja temática “gira em torno das experiências que sofrem os personagens durante os anos de formação ou de educação, rumo da maturidade”.²⁶

Massaud Moisés cita como exemplo mais representativo desse gênero literário a narrativa alemã Wilhelm Meister, de Goethe. Já como exemplos de romance de formação brasileiros, Moisés menciona os seguintes: *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *Amar verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade, *Doidinho*, de José Lins do Rego e *Mundos Mortos* de Otávio de Faria. Acreditamos que podemos ampliar essa lista, acrescentando *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector; *A casa da paixão*, de Nélida Piñon, *O Exército de um homem só*, de Moacyr Scliar e a narrativa, em versos, *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade. *Boitempo* se encaixaria nesse gênero, das narrativas de formação, uma vez que pode-se seguir a trajetória do anjo torto de Itabira, sua formação familiar, religiosa, escolar, política, moral, desde a infância, até ao início da vida adulta.

Antônio Candido, aliás, chama a atenção para o fato de *Boitempo*, possuir “um tipo especial de memorialística”, uma vez que o poeta “(u)sando o seu verso seco e humorístico, o seu firme golpe de vista e a capacidade de escorço, ele constrói, num clima de poesia e ficção, a verdade que é o mundo do eu, e o eu como condição do mundo”.²⁷ Para Bárbara Freitag, *O Ateneu*, “do ponto de vista sociológico”, descreve com mestria “a formação de um jovem brasileiro do Segundo Reinado”.²⁸ Pode-se dizer que este mesmo raciocínio se

aplica, em parte, à obra poética *Boitempo*. Drummond registra com riqueza de dados, mesclando a verdade às metáforas literárias, enfocando tanto a família patriarcal mineira como o regime escolar do início do século XX. Talvez, seja o estudioso russo, Bakhtin, quem melhor descreveu esse gênero literário. Para ele, a vida, nesses romances de aprendizagem e de formação não se conjuga apenas como uma “pedra de toque, mas como uma escola”.²⁹

Lembremos, aqui, Justino Magalhães, quando aponta que o estudo das instituições de ensino é um “processo que envolve dimensões humanas, culturais e profissionais de diversas naturezas: dimensões pedagógicas, sociológicas, administrativas, relações de poder e comunicação, relações de transmissão e apropriação do saber”.³⁰ Assim, estudar as narrativas de formação é estudar o personagem mergulhado em múltiplas facetas da vida. É uma pesquisa pluridisciplinar e desafiadora, a qual envolve vários conhecimentos que vão da cultura, passando pela teoria da literatura, pela Sociologia, História, Antropologia, dentre outras vertentes do conhecimento.

Assim, recomendo, sem restrições, a leitura de *Boitempo* pelos professores. Neste longo *poema de formação*, o leitor, com certeza, poderá mergulhar em um universo composto de interessantes metáforas, musicalidade e ritmo e, ao mesmo tempo, presenciar uma época em que, mandar um filho para estudar no colégio interno era a glória, a honra e a tradição da família patriarcal brasileira, mesmo que isso custasse, muitas vezes, a infelicidade e angústia dos filhos. Os registros poéticos e históricos do poeta Drummond aproximam-nos dessa época, auxiliando-nos em nossas reflexões e pesquisas, além de refinar nosso olhar sobre as instituições de ensino do Brasil e, principalmente, de Minas Gerais.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

²⁶ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 63.

²⁷ CANDIDO, A. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987. p. 57.

²⁸ FREITAG, B. *O indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 110.

²⁹ BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 186.

³⁰ MAGALHÃES, Justino. “Breve apontamento para a história das instituições educativas”: In SANFELICE, José Luis, SAVIANI, Dermeval & LOMBARDI, José Claudinei (orgs). *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, SP, Autores Associados, 1999. p.69.

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BUFFA, Éster e NOSELLA, Paolo. *Industrialização e educação: a Escola Profissional de São Carlos: São Carlos: (1932-1971)*. UFSCar, 1988.
- BUFFA, Éster. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza. GATTI JR, Décio (Org.). *Novos temas em educação brasileira: instituições escolares e educação na Imprensa*. Campinas: Autores associados; Uberlândia: EDUFU, 2002, p.25-38.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu*. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. *Colégio Aranaldo: uma escola nos trópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.
- CARVALHO, Carlos Henrique e ARAÚJO, José Carlos Souza. História, ficção e educação: imagens do ensino brasileiro do século XIX projetadas pel'O Ateneu. In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida e PACHANE, Graziela Giusti. (Orgs). *A literatura e suas interlocuções na sala de aula da educação superior*. Uberlândia: Edibrás, 2005.p.43-61.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Boitempo. In: *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FREITAG, Bárbara. *O indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GATTI JR, Décio. A história das instituições educacionais. In: ARAÚJO, José Carlos Souza. GATTI Jr, Décio. *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002, p.3-24.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MAGALHÃES, Justino. "Breve apontamento para a história das instituições educativas": In SANFELICE, José Luís, SAVIANI, Dermeval & LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, SP, Autores Associados,1999, p.67-72.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MOURA, Geovana Ferreira Melo. *Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina. (colégio Nossa Senhora das Dores-Uberaba 1940/1960)*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2002.
- PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). (1988). *O Ateneu: Retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1990.
- SILVA, Washington Abadio da. *A formação de "bons cristãos e virtuosos cidadãos" na Princesa do sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2004.